

Os devedores latino-americanos se reúnem. Mas não têm muito a fazer.

James L. Rowe Jr, do Washington Post.

Linda Ed

Os ministros do Exterior dos principais países devedores latino-americanos irão reunir-se em Washington no próximo domingo para discutir o impacto da queda dos preços do petróleo sobre a região, segundo anunciou o Ministério do Exterior da Venezuela, na última segunda-feira.

O presidente venezuelano, Jaime Lusinchi, e o presidente mexicano, Miguel de la Madrid, na semana passada produziram uma conferência de cúpula de emergência dos ministros do Exterior e das Finanças dos países devedores para analisar o impacto da queda dos preços do petróleo e para fazer recomendações quanto à melhor maneira de se lidar com a situação.

O grupo devedor, que se auto-intitula "Consenso de Cartagena", alertou, numa reunião realizada em dezembro em Montevideu, a capital uruguaia, que a não ser que recebam brevemente ajuda dos países industrializados e dos seus credores bancários, serão forçados a adotar medidas unilaterais para aliviar o fardo do repagamento da dívida externa da região, que já atinge um total de 360 bilhões de dólares.

Se bem que o comunicado não tenha chegado a especificar que passos os países devedores poderiam tomar, os ministros disseram, em particular, que o único caminho aberto a eles seria a adoção de um limite unilateral quanto à quantia da dívida que pagariam. Uma tal atitude, caso fosse adotada por vários dos principais países devedores, poderia causar um imenso caos no sistema bancário internacional.

A reunião de Montevideu foi realizada

antes da acentuada queda nos preços do petróleo, que atingiu duramente países como o México e a Venezuela, que dependem intensamente de suas exportações de petróleo para gerar os dólares dos quais necessitam para pagar suas dívidas e a receita doméstica que fornece a maior parte de sua receita fiscal.

O pior problema

O México é o país mais seriamente atingido pela queda dos preços do petróleo, principalmente por causa da sua necessidade de pagar cerca de 13 bilhões de dólares de juros aos credores este ano, referentes à enorme dívida de 97 bilhões de dólares. Cada redução de um dólar nos preços do petróleo diminui a receita externa do México em aproximadamente 550 milhões de dólares.

Antes da queda nos preços do petróleo que teve início há duas semanas, o México anunciou que teria de tomar empréstimos no valor de 2,5 bilhões de dólares junto aos seus credores bancários para poder pagar os juros e fazer alguns investimentos vitais à sua economia doméstica.

No último fim de semana, o México reduziu o seu preço do petróleo aproximadamente quatro dólares por barril.

Funcionários mexicanos deverão reunir-se com os principais credores bancários do país nesta terça-feira, em Nova York. Mas os banqueiros disseram que o México aparentemente ainda não calculou as suas necessidades financeiras em decorrência dos preços cada vez menores do petróleo, e não deverá apresentar nenhum pedido formal de novos empréstimos nesta reunião.

A Venezuela, com uma dívida externa de aproximadamente 35 bilhões de dólares e uma população muito menor que a mexicana, pode suportar a queda dos preços do petróleo durante algum tempo, mas também terá de reduzir os investimentos planejados.

Os ministros latino-americanos do Exterior já estavam com a viagem programada para Washington neste fim de semana, para se reunirem com o secretário norte-americano de Estado, George P. Shultz, e discutir o processo da paz na América Central.

"E faz sentido conversar também sobre a situação do petróleo, uma vez que todos já iriam estar reunidos", disse uma fonte diplomática.

Mas funcionários de vários países devedores confessaram não esperar resultados substanciais dessa sessão adicional do Grupo de Cartagena, em parte por causa da programação repentina da reunião e em parte porque os ministros das Finanças não deverão estar presentes.

"No entanto, o que se poderá conseguir é uma reação ao pedido da Venezuela e do México, formulado na semana passada, para a realização de uma reunião de emergência do Grupo de Cartagena", disse um diplomata latino-americano.

O presidente argentino Raul Alfonsín e o presidente colombiano Belisário Betancur já apoiaram a convocação da reunião de emergência. A Colômbia, o Peru e o Equador também são países exportadores de petróleo.